

PAPÉIS SOCIAIS MATERNO/ PATERNO E GÊNERO: UMA PERSPECTIVA SOCIAL DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Data de aceite: 03/08/2023

Ana Caroline Pego

Faculdades Pequeno Príncipe
<http://lattes.cnpq.br/4587167052796144>

Larissa Tháise Kern

Faculdades Pequeno Príncipe
<https://lattes.cnpq.br/4721591706561918>

Vithória Curupana Figueira

Faculdades Pequeno Príncipe
<http://lattes.cnpq.br/7146733916738957>

Débora Bilinoski Faret

Faculdades Pequeno Príncipe
<https://lattes.cnpq.br/3333313199518659>

Elise Mariane De Lara

Faculdades Pequeno Príncipe
<http://lattes.cnpq.br/9578542584534094>

Luciana Elisabete Savaris

Faculdades Pequeno Príncipe
<http://lattes.cnpq.br/8741823119551012>

RESUMO: Este trabalho é um relato de uma atividade desenvolvida na disciplina de Psicologia Social e Comunitária I, do curso de Psicologia das Faculdades Pequeno Príncipe, e aborda a temática de gênero sob a ótica dos papéis sociais – materno/paterno - e suas repercussões

para saúde mental. O conceito de papel social de gênero refere-se a um conjunto de direitos, deveres e expectativas de conduta referente à posição social que homens e mulheres ocupam na sociedade. Sendo assim, os papéis materno/paterno, também sofrem influência dessa construção social e podem ser fator de risco para o sofrimento/ adoecimento psíquico considerando a cultura e valores aos quais os indivíduos estão inseridos. Utilizou-se a metodologia do arco de Margueret para identificar que a vivência dos papéis materno/paterno em indivíduos LGBTQIAP+ pode desencadear sofrimento/adoecimento psíquico em uma sociedade heteronormativa e patriarcal. Partiu-se para teorização para compreender o fenômeno e então trazer como hipótese de solução a proposta de uma *live* com profissionais de saúde com apropriação do tema. A *live* ocorreu no dia 15 de junho de 2021, no canal da faculdade, mediada pelos estudantes e professora envolvida. Durante o debate foram lançadas questões previamente construídas, mas também foi oportunizado que os convidados externos participassem a partir do *chat*. O objetivo da atividade foi proporcionar um espaço de debate e reflexão sobre o tema dos papéis sociais, gênero e sofrimento psíquico.

Durante a realização houveram diversos *feedbacks* positivos sobre a temática trazida. A *live* alcançou 190 visualizações e 39 curtidas, demonstrando assim, o interesse do público na temática e, portanto, o alcance do objetivo estabelecido. A partir dessa experiência foi possível perceber a divergência das expectativas sociais quanto ao papel materno em detrimento ao papel paterno. Para além disso, foi possível refletir e pensar em estratégias promotoras de saúde que envolvam a temática.

PALAVRAS - CHAVE: Papel materno; Papel paterno; Sofrimento psíquico.

MATERNAL/PATERNAL SOCIAL ROLES AND GENDER: A SOCIAL PERSPECTIVE OF PSYCHIC SUFFERING

ABSTRACT: This work is a report of an activity developed in the discipline of Social and Community Psychology I, of the Psychology course at Faculdades Pequeno Príncipe, and addresses the theme of gender from the perspective of social roles - maternal/paternal - and their repercussions for mental health . The concept of social gender role refers to a set of rights, duties and expectations of conduct regarding the social position that men and women occupy in society. Therefore, the maternal/paternal roles are also influenced by this social construction and can be a risk factor for psychic suffering/illness, considering the culture and values to which individuals are inserted. The methodology of Marguerez's arch was used to identify that the experience of maternal/paternal roles in LGBTQIAP+ individuals can trigger psychological suffering/illness in a heteronormative and patriarchal society. We started with theorization to understand the phenomenon and then bring as a hypothesis of solution the proposal of a live with health professionals with appropriation of the theme. The live took place on June 15, 2021, on the college channel, mediated by the students and teacher involved. During the debate, previously constructed questions were launched, but it was also possible for external guests to participate from the chat. The objective of the activity was to provide a space for debate and reflection on the theme of social roles, gender and psychic suffering. During the realization there were several positive feedbacks on the theme brought up. The live reached 190 views and 39 likes, thus demonstrating the public's interest in the topic and, therefore, the achievement of the established objective. From this experience, it was possible to perceive the divergence of social expectations regarding the maternal role to the detriment of the paternal role. In addition, it was possible to reflect and think about health promotion strategies involving the theme.

KEYWORDS: paternal role; maternal role, Psychological suffering

1 | INTRODUÇÃO

O conceito de gênero apresenta as diferenças entre os sexos, que vão além do biológico, abrangendo diferenças psicológicas e culturais, assim o gênero é uma construção social que pode ser transformada e modificada (FERNANDES, 2009).

Ainda, se tem o conceito de papel social, um termo recente que apresenta um conjunto de direitos, deveres e expectativas de conduta referente à posição social que tal indivíduo ocupa. Essas expectativas comportamentais são socialmente construídas e se aplicam diretamente a homens e mulheres, durante muitos anos os comportamentos

das mulheres foram ditados por homens, caracterizando-as como “frágeis”, “fracas”, e “inferiores”, essas constatações apresentavam a existência de uma desigualdade social e cultural. Durante a Revolução Francesa, a desigualdade entre gêneros foi percebida como um conjunto social e político da época e a partir dessa concepção, mulheres conseguiram ocupar outro espaço na sociedade. Nesse momento se iniciou uma era de reivindicações pelo direito das mulheres (SAFIOTTI, 1992; NADER, 2002 e GUIMARÃES, 2005).

Dentro dos papéis sociais tem se os comportamentos esperados para as figuras parentais que apresentam significados socioculturais. A figura paterna, normalmente exercida pelo homem, o papel paternal é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança (PRADO e VIEIRA, 2004; MANFROI, MACARINI E VIEIRA, 2011). Da mesma forma, a figura materna, normalmente exercida pela mulher, tem grande influência e importância no desenvolvimento infantil, uma relação saudável com a mãe gera um futuro adulto saudável entre outros diversos benefícios (SANTO e ARAUJO, 2016).

Dentro da relação complexa de papéis sociais surgem os sofrimentos psíquicos devido a cobranças que geram julgamento da própria identidade. Os sofrimentos psíquicos apresentam dois viés: questões biológicas e sócio históricas (ZANELLO e SILVA, 2012).

1.1 OBJETIVO GERAL

Apontar as diferenças de gêneros construídas socialmente.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Relacionar questões de gênero no papel materno e paterno

Citar possíveis sofrimentos psíquicos causados pelos papéis de gênero

2 | REVISÃO DE LITERATURA

2.1 GÊNERO E PAPÉIS SOCIAIS

Através de estudos sociológicos, o conceito de gênero surgiu para se contrapor ao modelo biológico no qual determina apenas diferenças anatômicas e fisiológicas de cada sexo. O termo está relacionado com as diferenças psicológicas, sociais e culturais construídas pela sociedade, criando assim, expectativas consideradas ideais para o feminino e o masculino. Dessa forma, as expectativas de gênero são frutos de agentes sociais e desenvolvidas durante o dia a dia (GIDDENS, 2001).

Scott (1990) fala que o gênero se encontra nos vínculos sociais e está em constante construção, sendo possível sua modificação e transformação, pois depende de valores

históricos, sociais e culturais. Acima de tudo, no que tange às relações sociais, Scott (1990, p. 86) afirma que “fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Com isso, a partir dos papéis sociais esperados para cada gênero, já se define qual poder haverá dentro das relações (WOLFF e SALDANHA, 2015).

Os papéis de gênero levam em consideração concepções relacionadas à cultura como um todo, pois o conceito está atrelado a construções sociais, as quais exemplificam que, historicamente, socialmente e culturalmente, homens e mulheres tornaram-se desiguais, e essa diferença de poder e hierarquia pode ser estudado a partir de uma perspectiva de gênero, que se inicia na diferença entre posições sociais, e no que se distingue feminino e masculino. O gênero está conectado ao corpo, e o corpo se define como uma situação, pois possibilita que as questões culturais possam ser recebidas e reinterpretadas (BEAUVOIR, 1992). O corpo, portanto, se torna importante para definir a mulher ou o homem, porém para ditar a situação de ambos perante a sociedade, este se torna falho (KIMMEL, 2000; SAFIOTTI, 1992).

Ainda, a construção de gênero e a expectativa referente aos papéis sociais afetam todos os humanos em sua construção subjetiva. Conforme Nader (2002) o conceito de papel social começou a ser estudado há pouco tempo, sendo relacionado a comportamentos contínuos dos indivíduos que ocupam determinada posição social, sendo o “papel” como um conjunto de direitos e deveres de determinado ser humano. Portanto, quando relacionado o papel social ao comportamento, são adicionadas expectativas de conduta referente à posição social.

O papel da mulher e seus comportamentos, por muitos séculos foram estudados e ditados por homens de acordo com as suas características mentais e físicas, onde os motivos se constataram na diferença de sua força física e o tamanho de seu cérebro, com o objetivo de explicar o por que mulheres são “frágeis”, “fracas”, e “inferiores” devido a sua natureza, sendo comparadas ao poder e a força masculina vigente. Essa constatação inadequada repreendia e escondia a existência de uma desigualdade social e cultural, baseada na opressão de mulheres, focando apenas em colocações insuficientes a respeito do biológico e físico. Após eventos históricos, como a Revolução Industrial, se abria portas para movimentos sociais e políticos liderados por mulheres, como o movimento feminista que na época lutava para melhores condições de trabalho, e impedir que essa opressão e esse sofrimento social continuasse perante a ideia de submissão (SAFIOTTI, 1992).

A ideia do biológico permeou por anos, porém já se enxergava pensadores e filósofos com opiniões contrárias, como é o caso de Poulain de la Barre, que na época da Revolução Francesa (1673 e 1675), exemplificou que a desigualdade entre gêneros não eram causadas pelo biológico, e sim pelo conjunto social e político da época. A partir dessa concepção, mulheres conseguiram ocupar outro espaço na sociedade, onde sua força física estava a mesma medida à força física do homem em questões de trabalho, garantindo uma

melhor participação na esfera pública e social. Além de começar a deixar em escanteio a vida doméstica padronizada, se libertando de pressupostos que aprisionavam-as. Com isso, se iniciava uma era de reivindicações pelos seus direitos, através de protestos, além de ocupações em âmbitos sociais, como por exemplo na área científica (GUIMARÃES, 2005).

Em meados dos anos 30, se iniciava uma nova era, com nomes muito importantes para a história, como Olympe de Gouges, que escreveu os direitos da mulher e da cidadã, dando início a uma 1ª onda, com reivindicações ao voto, e uma emancipação através do acesso à educação e direitos civis. Já na 2ª onda (anos 60), há revoluções culturais e sociais ao redor do mundo, com questões relacionadas à sexualidade, métodos contraceptivos e a igualdade entre os gêneros. Com isso, o movimento feminista se separa em vertentes, com divergências de pensamentos, através do feminismo liberal, marxista, e radical. A 3ª onda abre oportunidades na política, com movimentos sociais, porém com uma visão de exclusão em relação a mulheres negras e periféricas, por exemplo. Essas questões foram fundamentais para que se pensasse ainda mais a respeito do gênero, e a sua ligação com o social (BRADLEY, 1996).

A construção de gênero, até hoje, vem sendo constituída a partir de uma estrutura patriarcal, uma organização hierárquica estruturada dentro da sociedade, responsável pela submissão vinculada às mulheres, sendo a razão da opressão das mesmas, estando sob o domínio do masculino, como uma autoridade moral, baseado no privilégio que obtém. Com isso, fica explícito que há um poder controlando as mulheres, e as suas ações, contribuindo para o adoecimento psíquico, através de questões ditadas pelo patriarcado (COSTA, 2008).

2.2 PAPEL SOCIAL PATERNO

Segundo Nader (2002) o papel social masculino não apresenta uma única definição, porém são especificados uma série de comportamentos e significados convenientes que atendem aos interesses ideológicos. De acordo com o dicionário Aurélio (1986) a palavra “masculino” teria a qualidade de másculo e viril, e as características desse homem seriam a força, o vigor, a rigidez, a robustez, a viripotência, e por fim o heroísmo. Na sociedade atual, o masculino usualmente é aquele que exerce o papel paterno. Segundo Manfroi, Macarini e Vieira (2011), o cuidado parental abrange muito mais do que a capacidade biológica de gerar, mas também se relaciona às responsabilidades sociais. Assim, a família tem como objetivo conduzir moralmente seus filhos (NADER, 2002 e MACARINI, MANFROI E VIEIRA 2011).

Os papéis de pai e mãe englobam significados socioculturais, sendo fortemente influenciados pelos papéis de gênero. De acordo com Manfroi, Macarini e Vieira (2011) o papel parental, inicialmente, foi utilizado como uma função de sobrevivência e posteriormente modificada para uma função cultural, devido à evolução da espécie. Segundo Wall (2007)

citado por Manfroi, Macarini e Vieira (2011) a evolução social humana é marcada pela família nuclear que, geralmente, opta pela monogamia, permitindo a distinção dos descendentes de determinado casal, assim a certeza da paternidade gera um envolvimento paternal maior durante o desenvolvimento humano (MACARINI, MANFROI E VIEIRA 2011).

De acordo com Fleck e Wagner (2003), o modelo da família tradicional apresentava uma divisão de papéis, na qual o homem era o trabalhador e provedor da família. Em contraponto, com as transformações da família tradicional e o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, os homens começaram a desenvolver um maior envolvimento no cuidado dos filhos, indo além das crenças pensadas antigamente. Assim, a figura paterna, juntamente com a materna, é vista como fundamental para o desenvolvimento da criança (MANFROI, MACARINI E VIEIRA, 2011).

Segundo Manfroi, Macarini e Vieira (2011) discutem que o pai é visto como a figura que fornece proteção e a imposição de limites para os filhos. Nessa perspectiva, enfatiza-se o papel paternal tendo o mesmo nível de importância do maternal, pois durante a descoberta das capacidades da criança, o pai tem como função facilitar a exploração do ambiente, permitindo o desenvolvimento da criança. Corroborando com Paquette (2004), Pilz e Scherman (2007) citados por Manfroi, Macarini e Vieira (2011) acrescentam, que essas interações pai-filho interferem no desenvolvimento neuropsicomotor.

Apesar dos aspectos positivos da convivência com o pai, sabe-se que muitas crianças não têm a figura paterna presente, gerando sofrimento psíquico nos filhos e a sobrecarga da mãe que realiza toda a formação do indivíduo (EIZIRIK e BERGMANN, 2004). As questões que envolvem a ausência ou a retirada de responsabilidade paterna, vem de questões socioculturais (SGANZERLA e LEVANDOWSKI, 2010).

2.3 PAPEL SOCIAL MATERNO

Como supracitado, na construção de papéis de gênero ao longo da história ocidental, existem diversos atributos para cada gênero. Trazendo o ponto de vista do papel da mulher, faz-se a vinculação do trabalho doméstico e cuidado dos filhos. (IBGE, 2006; LUZ e BERNI, 2010; MADALOZZO, MARTINS e SHIRATONI, 2008; BORSA e NUNES, 2011). Isso pode ocorrer graças à história filogenética da espécie. No qual, o sexo feminino é direcionado para gestação e aleitamento do indivíduo, sendo um dos fatores utilizados pelas diversas culturas para justificar a dependência do bebê em relação à mãe (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

As concepções sobre o amor materno, conexão e apego geralmente vêm de um pensamento tradicional, sendo citadas pelas diversas teorias de desenvolvimento infantil propostas pela psicologia, colocando as mães ao centro do cuidado de seus filhos e ausentando os pais dessa responsabilidade (BORSA e NUNES, 2011). Como por exemplo, o psicanalista John Bowlby (1988) que afirma que a mãe é a primeira figura de apego

da criança, sendo que esse apego afeta diretamente a saúde mental dos indivíduos (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011).

Entretanto, com movimentos feministas e entrada da mulher no mercado de trabalho, cria-se uma tendência de divisão de responsabilidades entre ambos gêneros (FLECK e WAGNER, 2003; BORSA e NUNES, 2011). Pois, com o número de mulheres trabalhando fora de casa tornando-se expressivo, as mesmas começam a contribuir com a renda familiar ou passam a garantir a subsistência de suas famílias. Com essa conquista, outras preocupações começam a surgir, como a realização acadêmica e valorização da construção de uma carreira profissional (LIPOVETSKY, 200; PAPALIA e OLDS, 2000; ROCHA-COUTINHO, 2000; FLECK e WAGNER, 2003). Ainda com o advento feminista, nos anos 60 surgiram os anticoncepcionais, esse método contraceptivo assim como outros, auxiliaram também para uma nova visão sobre a maternidade e deram ênfase na existência da escolha de ser mãe (FARINHA e SCORSOLINI-COMIN, 2018).

Por uma questão biológica (gestação e aleitamento) a mãe, como citado, geralmente já se encontra próxima da criança. Entretanto, a presença materna é importante para além desse fato, uma vez que o vínculo criado entre mãe e filho traz consequências no desenvolvimento infantil. Essa presença materna, de acordo com Silva e Leite, 2020 afeta a saúde mental do indivíduo, pois essa uma construção realizada pela mãe, cria um ambiente no qual, a criança pode passar por todos os processos necessários de desenvolvimento. Sendo assim, sem a pessoa que desempenha o papel materno, o desenvolvimento completo e saúde do indivíduo pode ser prejudicado (SILVA e LEITE, 2020).

Outro autor que discorre sobre o papel materno, é Winnicott (2005 citado por SANTO e ARAÚJO, 2016), que pontua sobre um vínculo afetivo que quando estabelecido de forma “correta”, a criança será capaz de lidar e expressar seus sentimentos, relacionando novamente com a saúde mental. Para o autor, essa diáde ocorre devido ao apoio que a mãe dará ao seu filho, evidenciando que o indivíduo terá um ego fortalecido graças a esse apoio maternal. Santo e Araújo (2016) ainda citam Bee e Spitz, autores que estudaram o desenvolvimento infantil e corroboram com a ideia de que durante a infância, ter um vínculo seguro traz benefícios para autoestima e relações afetivas estáveis durante a vida adulta (SANTO e ARAUJO, 2016).

Com as transformações sociais vividas em seu cotidiano, ainda que de forma turbulenta, a mulher passou a adentrar cada vez mais no âmbito social de forma que, adquirir e assumiu o controle do lar de forma afetiva e econômica, fazendo com que o papel materno deixasse de representar apenas o âmbito afetivo. (MACÊDO, 2001). Sendo assim, os papéis sociais desempenhados pela mulher e mãe, tendem a ser consolidados através da construção de uma identidade feminina e materna, como na ilustre frase de Simone de Beauvoir (1970) citada por (FRANCHETTO, CAVALCANTI e HEILBORN, 1981): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

2.4 GÊNERO E SOFRIMENTOS PSÍQUICOS

Os valores e papéis atribuídos aos gêneros dentro da sociedade, geram cobranças na quais levam os indivíduos a sofrimentos psíquicos, pois estes começam a fazer julgamentos acerca de suas identidades. Tais sofrimentos devem ser observados além do biológico, mas também, pelos aspectos sociais que vão sendo construídos culturalmente e historicamente, os quais se relacionam com questões de gêneros (ZANELLO, 2014). Através de pesquisas, Andrade, Viana e Silveira (2006) apontam uma maior incidência de transtornos depressivos e de humor em mulheres e transtornos relacionados a psicoativos (como o álcool), de personalidade e hiperatividade em homens.

Por outro lado, a partir das observações de Zanello e Silva (2012), estes relacionam o sofrimento psíquico através de dois viés: por questões biológicas, engendradas pelo próprio corpo, como exemplo do aumento da depressão em mulheres por causa de hormônios específicos; e, também, por questões sócio-históricas, influenciadas socialmente, causadas por pressões impostas pela sociedade. Fatores estressantes, diferenças salariais, menor alfabetização e violências são exemplos de sofrimentos que levam a média de depressão alcançar duas mulheres para cada homem (ZANELLO e SILVA, 2012).

Ainda, Zanello e Bukowitz (2011) realizaram um estudo em um hospital psiquiátrico e relataram que há um maior número de mulheres que sofrem de queixas relacionadas à família, dificuldade em se aceitar esteticamente e necessidade do cuidado aos outros. Já aos homens, foi observado que força física, fama, comportamento sexual ativo e riqueza são motivos de queixas por não conseguirem alcançar as expectativas criadas pela sociedade (ZANELLO e BUKOWITZ, 2011).

A respeito das expectativas esperadas pelo papel de mãe, esta é vista como responsável pelo cuidado aos outros, no qual cabe a ela o seu papel de pertencer a família, desempenhar as tarefas domésticas, cumprir o papel de esposa e sempre estar disponível para o exercício do amor. (SWAIN, 2006; ZANELLO e ROMERO, 2012). Hall (2001) e Louro (1997) citados por Almeida (2007) afirmam que “Ser mãe e profissional é assumir identidades múltiplas e contraditórias, construídas socialmente e em permanente processo de mudança.” Essa dualidade causa sofrimento psíquico na mulher, visto que a pressão da sociedade e a vontade de sua independência e valor, entram em conflito trazendo o sentimento de culpa à ela. (ALMEIDA, 2007; ALMEIDA, 2007).

Ao que se refere o papel de pai, este sempre foi caracterizado como o provedor da família e, também, estabelecia as normas e condutas que serviriam como base dentro de casa. Contudo, as demandas do presente e mudanças ocorridas com a maior entrada de mulheres no mercado de trabalho, trazem conflitos nas quais muitas das vezes o homem acaba adoecendo por suas próprias cobranças. Diante disso, o sofrimento psíquico aparece, pois essa ideia de provedor sendo anulada, o homem não consegue mais cumprir seu papel que antes lhe era atribuído, assim, perde sua identidade e funções sociais,

isolando-o (SANTOS, 2009; TIL, 2011).

Mostra-se, assim, através de diversos autores, que muitos dos sofrimentos psíquicos são construídos dentro da sociedade por haver estereótipos de gênero, isto é, a imagem padronizada pelo senso comum do “ser homem”, “ser mulher” “ser pai e mãe” e, enfim, tais sofrimentos precisam ser levados em consideração para busca de uma melhora da saúde mental (ZANELLO, FIUZA e COSTA, 2015).

3 | METODOLOGIA

A Metodologia baseada na problematização é utilizada para situações relacionadas com o viver em sociedade. Por isso, o referencial teórico prático para o desenvolvimento de novas aprendizagens se dá pelo Método do Arco de Magueréz, criado por Charles Magueréz em 1960, e tendo como expoentes Juan Díaz Bordenave e Adair Martins Pereira, os quais começaram a implantar o método em 1982 - metodologia utilizada no presente trabalho (PRADO *et al.*, 2012).

A partir disso, o Método de Magueréz constitui 5 etapas de problematização capazes de desenvolver o conhecimento intelectual e crítico dos alunos. A primeira etapa é a Observação da Realidade, na qual consiste, de acordo com Berbel (1995), o estudo inicial a partir de um aspecto relacionado com a realidade, sendo que este deve ser observado e identificado pelos próprios pesquisadores de forma ativa para, assim, selecionar um problema dessa realidade a ser desenvolvido e transformado. A segunda etapa é a Identificação dos pontos chaves, isto é, depois da reflexão acerca da problematização, serão definidos os pontos chaves e específicos para investigar sobre as questões apresentadas. Na terceira etapa, denominada de Teorização, os alunos devem começar a pesquisar, de forma teórica, e não apenas na observação da realidade, sobre os pontos chaves apresentados e sintetizados para que, assim, os alunos discutam e possam refletir de forma mais intelectual sobre o assunto em questão.

A quarta etapa é a Hipótese de Solução, na qual os estudantes devem usar da criatividade para começar a pensar em respostas para os pontos chaves elencados, diante disso, Bordenave (1989) afirma que “o aluno usa a realidade para aprender com ela, ao mesmo tempo em que se prepara para transformá-la” (BORDENAVE, 1989, p. 25).

Por fim, a quinta e última etapa se dá pela Aplicação da Realidade, isto é, refletir e construir novos conhecimentos, a partir das hipóteses anteriormente mencionadas, contemplando-as na mesma realidade que foram observadas durante a primeira etapa do método com a finalidade de que ocorra uma transformação no contexto social através dos temas pesquisados e do conhecimento obtido (BERBEL, 1995; COLOMBO e BERBEL, 2007; PRADO *et al.* 2012).

3.1 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MAR- SEM 2	MAR- SEM 3	MAR- SEM 4	MAR- SEM 5	ABR- SEM 1	ABR- SEM 2	ABR- SEM 3	ABR- SEM 4	MAI- SEM 1	MAI- SEM 2	MAI- SEM 3	MAI- SEM 4	JUN- SEM 1	JUN- SEM 2
Escolha da equipe e Eixo temático	X													
Desenvolvimento da fundamentação		X	X	X										
Criação de slides para sala de aula invertida				X	X									
Apresentação Sala de aula invertida						X								
Preparação e planejamento da ação							X	X	X	X				
Realização da ação														X
Produção final do relatório														X
Preenchimento das fichas discentes														X
Entrega relatório final														X

4 | DESENVOLVIMENTO

A partir do desenvolvimento da teorização, foi possível realizar a ação determinada pelo Projeto de Curricularização de Extensão, na matéria de Psicologia Social e Comunitária I. Sendo assim, foi proposto que a equipe realizasse uma *live*, com a participação de convidadas que possuíssem experiências para abordar o tema e auxiliar a compreendê-lo com maior facilidade.

A *live* abordou o tema voltado para a Construção dos Papéis Materno e Paterno, e foi realizada no dia 15 de Junho de 2021, às 20:30 no canal das Faculdades Pequeno Príncipe, com a participação de profissionais de saúde com apropriação do tema. Além das profissionais, duas pessoas da equipe ficaram encarregadas de mediar a *live*, com a ajuda da professora responsável.

A partir dessas constatações, a *live* pode ser divulgada pela equipe através de um template compartilhado com as principais informações, para auxiliar na participação em massa da comunidade externa, e para acompanhar, enviar feedbacks e fornecer apoio para a equipe organizadora.

Para a realização da *live*, foram organizadas perguntas pertinentes para as convidadas, de acordo com as experiências de cada profissional. Perguntas relacionadas a construção da maternidade, funções maternas e paternas e configurações familiares

tiveram a sua importância ao decorrer da *live*, para cada convidada compartilhar seus conhecimentos, suas experiências e transmitir informações necessárias para o entendimento do assunto presente.

Além das perguntas organizadas pela equipe, foi compartilhado um formulário na descrição da *live* para a comunidade externa enviar suas devidas dúvidas, para que por fim, as convidadas pudessem respondê-las. As presentes perguntas auxiliaram para que a *live* se tornasse um bate papo entre as convidadas, com assuntos necessários, dúvidas pertinentes e conhecimentos transmitidos.

5 | RESULTADOS

Durante toda a construção do trabalho, os objetivos do grupo eram relacionados a disseminação de conhecimento a respeito dos papéis sociais e o impacto psíquico que os mesmos podem trazer. Para isso, aplicamos o estudo realizado através de uma *live*, onde o foco era a discussão sobre os papéis maternos e paternos. Com isso, durante a *live* procurou-se abordar esses assuntos, trazendo relatos e pontuações das convidadas a respeito disso.

A *live* foi composta por duas alunas na mediação, juntamente com a professora da disciplina, além de duas convidadas. Durante a *live* foram feitas perguntas para as palestrantes, primeiramente, elaboradas pela equipe, e posteriormente enviadas pela comunidade externa que estava acompanhando a transmissão. Foram enviadas diversas perguntas e comentários, que foram recolhidos através de um formulário feito pela equipe. Além disso, foram comentários enviados durante a *live*, na sessão do chat e enviados por telespectadores após a *live* também foram contabilizados. Por esses motivos, foi possível recolher um ótimo feedback da comunidade externa à instituição, além do fato de o vídeo da *live* ter alcançado cerca de 190 visualizações e 39 curtidas, demonstrando o interesse do público.

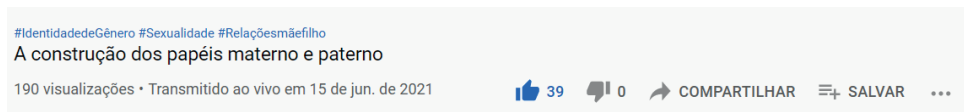


Figura 1 - Visualizações e curtidas na *live*

Fonte: Autoria Própria (2021)

Através das perguntas feitas às convidadas durante a *live*, foram expostas questões a respeito do tema. Uma das convidadas contou sobre sua experiência com a construção da maternidade, contribuindo para conhecimento sobre as diversas configurações familiares. A outra convidada trouxe um viés clínico e teórico para o assunto, esclarecendo sobre funções materna e paterna serem imprescindíveis e de fato, necessárias para o

desenvolvimento de um indivíduo, do que papéis socialmente impostos.

Pode-se observar, portanto, que o objetivo de disseminar informação e apontar as diferenças de gêneros construídas socialmente foi alcançado, uma vez que a *live* atingiu cerca de 190 visualizações, número que possivelmente pode aumentar através de mais compartilhamentos e divulgação do tema. Também é possível concluir que os objetivos específicos da pesquisa também puderam ser efetivados. Isto é, durante a fala das convidadas na *live* foram citadas diversas vezes as questões de gênero envolvendo o papel materno e paterno, bem como os sofrimentos psíquicos sofridos por estes indivíduos. Podendo, portanto, alcançar positivamente os objetivos descritos neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, foi possível abordar os papéis de gênero impostos em sociedade, dando ênfase ao papel materno e paterno e, ainda, sofrimentos psíquicos causados por tal questão. Diante da fundamentação teórica, a equipe buscou referências que explicassem sobre o tema e, logo após, foi feita uma sala de aula invertida com o intuito de apresentar o eixo escolhido.

Após estudos através de referenciais teóricos, a equipe planejou uma *live*, na qual foram convidadas duas profissionais que abordaram o tema papéis sociais materno e paterno e sofrimento psíquico. Durante a *live*, foi possível desenvolver uma roda de conversa com as convidadas que trouxeram informações que foram disseminadas para a comunidade externa, alcançando um grande número de pessoas. Ainda, foi possível esclarecer algumas dúvidas que foram enviadas por meio de um formulário.

Diante disso, pode-se afirmar que o trabalho alcançou o objetivo geral e os específicos do projeto de extensão das Faculdades Pequeno Príncipe. A *live* também serviu para que o tema sobre a construção de papéis materno e paterno chegasse para o público externo, expandindo o conhecimento e fazendo com que os fatos cotidianos fossem correlacionados com a “teoria” passada na *live*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Rev. Dep. Psicol., UFF** vol.19 no.2 Niterói July/Dec. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200011. Acesso em: 27 de mar. de 2021.

ANDRADE, Laura Helena S. G. de; VIANA, Maria Carmen; SILVEIRA, Camila Magalhães. Epidemiologia dos transtornos psiquiátricos na mulher. **Revista Psiquiatria Clínica**. São Paulo, v. 33, n. 2, p. 43-54, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Mar. 2021

BERGMANN, David Simon; EIZIRIK, Mariana. Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v.26, n.3, p.330-336, Sep./Dec. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082004000300010&script=sci_arttext. Acesso em: 25 Mar. 2021

BORSA, Juliane Callegaro; NUNES, Maria Lucia Tiellet. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011.

BOWLBY, J. (1988). **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes.

CARVALHO, A. M; SOARES, J. S. Mulher e mãe, “novos papéis”, velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 39-44, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa06.pdf>. Acesso em: 29 Mar. 2021.

FARINHA, Ana Julia Queiroz; SCORSOLINE-COMIN, Fabio. Relações entre não Maternidade e Sexualidade Feminina: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 10, n. 1, p. 187-205, Jan.-Jun., 2018.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.62, n.5, Sep./Oct, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672009000500009&script=sci_arttext. Acesso em: 22 Abr. 2021.

FLECK, Ana Claudia; WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 31-38, 2003. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/194778778.pdf>. Acesso em: 26 Mar. 2021. Espírito Santo, v.14, p.462-478, dez, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2638>. Acesso em: 23 Mar. 2021

FRANCHETTO, B. CAVALCANTI, M. L. V. C. e HEILBORN, M. L. (1981). **Antropologia e feminismo**. Vol. 1, p. 11-47. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª ed. Lisboa: Polity Press, 2001.

MAAS, Suelen de Oliveira. **Expressões de gênero e o cuidado em saúde mental: perspectiva dos profissionais que atuam em centros de atenção psicossocial**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação em Psicologia) - Faculdades Pequeno Príncipe, Curitiba, 2020.

MACÊDO, M. S. (2001). Tecendo o fio e segurando as pontas: mulheres chefes de família em Salvador. Em **C. Bruschini & C. R. Pinto (Orgs.)**. Tempos e lugares de gênero (p. 53- 83). São Paulo: FCC: Ed. 34.

MANFROI, Edi Cristina; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luis. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Revista Brasil Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.21, n.1, p.59-69, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19996/22082>. Acesso em: 24 Mar. 2021

NADER, Maria Beatriz, A condição masculina na sociedade. **Revista Dimensões**, Espírito Santo, v.14, p.462-478, dez, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2638>. Acesso em: 23 Mar. 2021

PERRELLI, Jaqueline Galdino Albuquerque; CARLA, Fonseca Zambaldi; CANTILINO, Amaury; SOUGEY, Everton Botelho; Instrumentos de avaliação do vínculo entre mãe e bebê. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v.32, n.3, Set. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822014000300257&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 26 Mar. 2021

RIBAS, A. F. P.; MOURA, M. L. S. Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2004, p.315-322. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a04v17n3.pdf>. Acesso em: 29 Mar. 2021.

SANTO, Celeste Sá Oliveira do Espírito; ARAÚJO, Maria Antonieta Nascimento. VÍNCULO AFETIVO MATERNO, processo fundamental à saúde mental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador. 2016;5(1): 65-73.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Gênero na teoria social: Papéis, interações e instituições. **Universidade Federal de Juiz de Fora**. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **PUC SP**. São Paulo, 2011. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/desigualdade_imposta.pdf

SILVA, Tainá Aparecida Gil da; LEITE, Maria Fernanda. Vínculo afetivo materno: processo fundamental para o desenvolvimento infantil uma revisão de literatura. **SALUSVITA, Bauru**. v. 39, n. 1, p. 277-295, 2020.

SCHWENGBER, Maria Simone, Qual o preço de ser menina? Implicações das expectativas corporais. **Revista Pensar a prática**, Ijuí, v.15, n.3, p 789-797, jul/set 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/14662>. Acesso em: 24 Mar. 2021

VELBERTO, Nayla. A construção dos papéis sociais de pai e mãe em família: uma reflexão sobre a temática contemporânea de gênero. **Universidade Federal Fluminense**. 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/5112>

WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidade: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482/595>

ZANELLO, V.; SILVA; R. M. C. Saúde mental, gênero e violência estrutural. **Revista de Bioética**. v. 20, n. 2, p. 267-279, 2012. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/745

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal, Revista Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 238-246, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000300238&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2021

SCHNEIDERS, Luis Antônio. **O método da sala de aula invertida**. Lajeado: Ed. da Univates, 2018. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/256/pdf_256.pdf Acesso em: 25 de abr. de 2021.

WINNICOTT, D. W. **Família e maturidade emocional**. In: A família e o desenvolvimento individual. 1995. 3ª.edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp.129-140.